

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
ESPÍRITO SANTO
LICENCIATURA EM LETRAS-PORTUGUÊS

JANIELE DA SILVA

**A INVISIBILIZAÇÃO DE ESCRITORAS NEGRAS NO CÂNONE
LITERÁRIO BRASILEIRO**

VENDA NOVA DO IMIGRANTE - ES

2022

JANIELE DA SILVA

**A INVISIBILIZAÇÃO DE ESCRITORAS NEGRAS NO CÂNONE
LITERÁRIO BRASILEIRO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenadoria do Curso de Licenciatura em Letras-Português do Instituto Federal do Espírito Santo, Campus Venda Nova do Imigrante, como requisito parcial para aprovação na Disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II.

Orientador: Prof. Dr. Ivan Almeida Rozário Júnior

VENDA NOVA DO IMIGRANTE - ES

2022

(Biblioteca do Campus Venda Nova do Imigrante)

S586i Silva, Janiele da.

A invisibilização de escritoras negras no cânone literário brasileiro /
Janiele da Silva. - 2022.
38 f. : il ; 30 cm.

Orientador: Ivan Almeida Rozário Júnior

TCC (Graduação) Instituto Federal do Espírito Santo, Campus Venda
Nova do Imigrante, Licenciatura em Letras Português, 2022.

1. Literatura brasileira. 2. Escritoras negras. 3. Cânone . 4. Invisibilidade.
I. Rozário Júnior, Ivan Almeida. II. Título III. Instituto Federal do Espírito
Santo.

CDD: 869.3

Bibliotecário/a: Adriana Souza Machado CRB6-ES nº 572



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CAMPUS VENDA NOVA DO IMIGRANTE

ANEXO V

FORMULÁRIO DE PARECER DA APRESENTAÇÃO FINAL DO TCC II

O(A) discente Janiele da Silva

Apresentou a versão final do TCC com o título “**A INVISIBILIZAÇÃO DE ESCRITORAS NEGRAS NO CÂNONE LITERÁRIO BRASILEIRO**” ao Curso de Licenciatura em Letras-Português do Instituto Federal de Educação do Espírito Santo – Campus Venda Nova do Imigrante, como requisito para aprovação no componente curricular Trabalho de Conclusão de Curso.

O trabalho obteve nota **95,0** com o seguinte parecer:

Aprovação, sem reservas, do Trabalho de Conclusão de Curso.

Aprovação somente após satisfazer as exigências pré-determinadas, no prazo fixado pelo Regulamento (não superior ao término do período letivo).

Reprovação o Trabalho de Conclusão de Curso.

Assinatura do(a) Orientador (a)

.....
Assinatura do Avaliador (a) I*

.....
Assinatura do Avaliador (a) II*

* Preencher somente se houver banca examinadora.

Venda Nova do Imigrante, 10 de agosto de 2022.

RESUMO

A presente pesquisa busca compreender de que maneira se deu o processo de invisibilização de escritoras negras no cânone literário brasileiro ao longo da história, além de ressaltar a importância dessas escritoras para a literatura brasileira. Para tanto, realizou-se uma pesquisa bibliográfica em duas coleções de livros didáticos para o ensino médio, buscando compreender como os currículos apresentam os conteúdos étnicos raciais nas escolas, ratificando a ausência de escritoras negras nos livros didáticos. A pesquisa salienta, também, a importância de cinco escritoras negras brasileiras desde o século XIX até a contemporaneidade, a saber: Maria Firmina dos Reis; Carolina Maria de Jesus; Lélia Gonzalez; Geni Guimarães e Conceição Evaristo. Destacamos a história dessas autoras na literatura brasileira, suas principais obras e o que elas procuram defender com sua escrita, uma vez que o reconhecimento das obras literárias escritas por mulheres negras é uma forma delas conquistarem espaço na literatura brasileira, além de fazer com que as temáticas por elas abordadas (ligadas à memória, à ancestralidade e à construção da identidade da mulher negra em uma sociedade racista e patriarcalista) tomem dimensões cada vez maiores em nossa literatura.

Palavras-chave: Escritoras negras. Cânone literário brasileiro. Invisibilização. Literatura.

ABSTRACT

The current research tries to understand in which way the invisibilization process of black female writers in the Brazilian literary canon throughout the history, despite of highlighting the importance of these writers for the Brazilian literature. For such, it was performed bibliographical research in two textbooks collections for high school, focusing on clarifying how the curricula show the racial ethnical contents at schools, assuring the absence of black female writes in these textbooks. The work also underlines the importance of five black female writers since the nineteenth century until the contemporaneity, namely Maria Firmina dos Reis; Carolina Maria de Jesus; Lélia Gonzalez; Geni Guimarães and Conceição Evaristo. We emphasize the history of these writers in the Brazilian literature, their main works and what they want to carry out with their writing, once their acknowledgement of literary works which was written by black female writers is a manner they achieve room in Brazilian literature, beyond of approached themes by them (Connected to memories, ancestry, and to the building of the black woman in a racist and patriarchal society) turn into increasing dimensions in our literature.

Key-words: Black female writers. Brazilian literary canon. Invisibilization. Literature.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	08
1.1 CONSTRUÇÃO DO CORPUS E OBJETIVOS DA PESQUISA.....	10
2 REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLÓGICO	11
2.1 O CONTEXTO DE FORMAÇÃO DA LITERATURA BRASILEIRA.....	11
2.2 O CÂNONE LITERÁRIO BRASILEIRO NO PROCESSO DE LEGITIMAÇÃO DA PRODUÇÃO ESTÉTICO- LITERÁRIA.....	12
2.3 A (IN)VISIBILIDADE DE ESCRITORAS NA LITERATURA BRASILEIRA: UMA QUESTÃO DE RAÇA E GÊNERO.....	14
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	16
4 ANÁLISES E DISCUSSÕES	17
4.1 PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO: DIÁLOGO REFLEXÃO E USO.....	17
4.2 SE LIGA NA LÍNGUA: LITERATURA, PRODUÇÃO DE TEXTO, LINGUAGEM.....	20
4.3 ESCRITORAS NEGRAS BRASILEIRAS - POR UM CÂNONE AFRORREFERENCIADO.....	25
4.3.1 Maria Firmina dos Reis.....	25
4.3.2 Carolina Maria de Jesus.....	28
4.3.3 Lélia Gonzalez.....	30
4.3.4 Geni Guimarães.....	31
4.3.5 Conceição Evaristo.....	33
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS	38

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Português Contemporâneo: diálogo, reflexão e uso.....	17
Figura 2 - Se liga na língua: Literatura, produção de texto e linguagem.....	20

1 INTRODUÇÃO

Durante o processo de formação do profissional de Letras nos deparamos com obras e autores bastante conhecidos dentro da academia. Essas renomadas obras que seguem um padrão que dá ao leitor um plano de leitura e, na maioria das vezes, são consideradas obrigatórias dentro do curso de Letras, denominam-se cânones. O cânone literário brasileiro iniciou seu processo de construção durante o século XIX, quando criou-se um perfil estético para a escrita literária, no qual, em uma sociedade patriarcal, eram aceitas obras apenas escritas por homens, de classe alta e brancos, deixando, dessa forma, as mulheres, os negros e os pobres à margem da literatura brasileira. Os autores e obras do cânone literário brasileiro tornaram-se referência para os leitores e estão inseridos em todos os segmentos da educação, desde o ensino de literatura nas escolas até a aprovação em vestibulares e a inserção em universidades.

As mulheres, durante a história da literatura no Brasil, foram vítimas de uma sociedade machista e patriarcal, e possuíam sua educação voltada apenas para a condução do lar, não podendo ocupar espaço em escolas e universidades. Com o passar dos anos, elas foram ganhando espaço e conquistando seus direitos na sociedade e, também, na literatura. No entanto, ao analisar as obras que possuem reconhecimento literário, nota-se que não existem mulheres negras neste âmbito.

As escritoras negras fazem parte do processo de construção da nossa literatura, no entanto, foram silenciadas devido a sua identidade étnico-racial, promovendo o que conhecemos como racismo estrutural, ou seja, as classes dominadas sofrem opressão das classes dominantes. Esse fato é decorrente do processo de escravidão, no qual os negros foram oprimidos e explorados pelos brancos, ocasionando a invisibilidade social e cultural da população negra, e deixando-os sempre à margem da sociedade.

Justifica-se o estudo e a análise sobre a invisibilização da mulher negra no cânone literário brasileiro por três motivos: existe uma ausência, um silenciamento das obras literárias escritas por mulheres negras, devido a uma questão de raça, gênero e classe, pois se as mulheres foram, por muito tempo, impedidas de escrever e publicar suas obras, as mulheres negras carregam um peso ainda maior, pelo fato de serem negras; embora exista um acervo pequeno de obras literárias publicadas por

mulheres negras, elas são muito importantes e trazem consigo informações valiosas sobre luta, raça e gênero que devem ser apresentadas à sociedade e principalmente aos alunos da educação básica, ou seja, no processo de formação de leitores críticos; o reconhecimento das obras literárias escritas por mulheres negras é uma forma delas conquistarem espaço na literatura brasileira, além de fazer com que as temáticas por elas abordadas (ligadas à memória, à ancestralidade, e à construção da identidade da mulher negra em uma sociedade racista e machista) tomem dimensões cada vez maiores em nossa sociedade.

Nesse sentido, o presente trabalho busca fazer um percurso histórico sobre a construção do cânone literário brasileiro, para que se compreenda o contexto social, histórico, político e ideológico em que as mulheres negras estão inseridas, salientando a importância de suas obras para a literatura e seu ensino na educação básica e nas universidades.

1. 1 CONSTRUÇÃO DO CORPUS E OBJETIVOS DA PESQUISA

Com o objetivo principal de compreender a maneira que o processo de invisibilização de escritoras negras no cânone literário brasileiro, ao longo da história, pode reforçar estereótipos de raça e gênero na produção literária, foram selecionadas duas coleções de livros didáticos de língua portuguesa do ensino médio para serem analisadas, contabilizando um total de seis livros. O foco da análise será os capítulos dos livros que discorrem sobre literatura, analisando quais são os principais autores e obras trabalhados nesta disciplina. A análise irá pautar-se em investigar como atribui-se o ensino de literatura para o ensino médio, bem como os conteúdos são distribuídos em cada ano, além disso, busca-se identificar se há a presença de textos de autoria negra feminina nos livros didáticos. Dessa forma, os demais objetivos desta pesquisa são: conhecer o processo de formação do cânone literário brasileiro; identificar as principais obras e autoras que abrangem o cânone literário brasileiro; identificar a presença de escritoras negras nos livros didáticos; apresentar obras literárias escritas por mulheres negras e descrever a relação entre a autoria feminina negra e o cânone literário.

2 REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLÓGICO

2.1 O CONTEXTO DE FORMAÇÃO DA LITERATURA BRASILEIRA

A literatura brasileira não é uma manifestação artística consolidada no Brasil, mas um produto da colonização a partir da literatura portuguesa, na qual, aos poucos, ganhou um prolongamento. Durante muito tempo, a literatura brasileira foi vista como um processo de imitação das culturas ocidentais e, por este motivo, precisou passar por um momento de adaptação para assumir um novo papel que pudesse descrever e transfigurar a realidade nova. Os estudos da Literatura brasileira foram divididos em escolas literárias que abordam os autores, as obras e as características de cada período literário¹.

Por ser uma arte que imitava a cultura ocidental, a literatura brasileira reafirmou alguns costumes europeus e foi considerada um instrumento colonizador que impunha e mantinha a ordem política e social estabelecida pela Metrópole a partir das classes dominantes, como salienta Candido (1999):

Com efeito, além da sua função própria de criar formas expressivas, a literatura serviu para celebrar e inculcar os valores cristãos e a concepção metropolitana de vida social, consolidando não apenas a presença de Deus e do Rei, mas o monopólio da língua. Com isso, desqualificou e proscreeu possíveis fermentos locais de divergência, como os idiomas, crenças e costumes dos povos indígenas, e depois os dos escravos africanos. Em suma, desqualificou a possibilidade de expressão e visão-de-mundo dos povos subjugados. (CANDIDO, 1999, p. 13).

Neste sentido, a literatura foi inicialmente utilizada para estabelecer valores cristãos, além de transparecer os costumes da vida social da metrópole, deixando de fora os costumes e crenças dos povos indígenas e africanos, pois considerava-se, além dos valores estéticos, as questões sociais e raciais.

A literatura brasileira permaneceu sob domínio da Metrópole por algum tempo, uma vez que seus escritores

¹ Referem-se às diversas escolas literárias que surgiram num determinado período da história da literatura brasileira, seguindo os estilos, costumes e movimentos de cada época. Essas escolas literárias evoluíram a medida que a literatura também evoluiu. Entende-se como período literário os seguintes movimentos: Trovadorismo; Humanismo; Classicismo; Quinhentismo; Barroco; Arcadismo; Romantismo; Realismo; Naturalismo; Parnasianismo; Simbolismo e Modernismo.

[...] não admitiam a existência de uma literatura brasileira, pelo fato dos textos aqui produzidos não expressarem de maneira explícita a brasilidade e serem escritos em língua portuguesa, considerada propriedade deles. (CAIRO, 2001, p. 3).

Dessa forma, os escritores brasileiros precisavam idealizar um modelo de escrita de caráter nacionalista. A partir do século XIX, quando o Brasil tornou-se independente de Portugal, escritores brasileiros começaram a escrever suas obras elencando um caráter nacionalista, uma vez que o país precisava construir sua própria identidade. Essas obras consolidaram-se durante o Romantismo no Brasil, que assumiu a

[...] difícil tarefa de propor uma imagem da nação que dava seus primeiros passos fora do domínio político português. Era necessário inventar o Brasil, estabelecendo referências que apontassem as características do povo, da cultura, da geografia, da história, etc. (RÖHRIG, 2016, p. 4).

É nesse contexto que surge no Brasil o cânone literário.

O cânone literário brasileiro instaurou-se em nosso país em um período em que as obras literárias começaram a seguir um padrão do que era importante ser lido. Dessa forma, a literatura assumiu uma função social e sua história revela um interesse político de construir um cânone que representasse a nação, sua cultura e seu povo. Esse padrão estético revelado nas obras canônicas foi também estabelecido em seus autores. Em um período no qual somente a população mais abastada possuía acesso à educação, os escritores da época eram, em sua maioria, homens, brancos e ricos.

2.2 O CÂNONE LITERÁRIO BRASILEIRO NO PROCESSO DE LEGITIMAÇÃO DA PRODUÇÃO ESTÉTICO-LITERÁRIA

As obras literárias do século XIX foram escritas, em sua maioria, por homens de classe alta, uma vez que as mulheres não possuíam acesso à educação e, quando possuíam, esse acesso voltava-se a ensinamentos sobre a condução do lar, enquanto os homens tinham acesso ao conhecimento de diversas áreas, nos diferentes níveis de ensino. O movimento literário que predominou durante o século XVIII foi o Romantismo, dessa forma, a escrita das obras literárias desse período era voltada para temáticas relacionadas ao sentimento de patriotismo.

No início do século XIX aconteceram várias transformações literárias, assim, “[...] as produções brasileiras deixam de lado o naturalismo e o patriotismo exacerbados e ganham temáticas de cunho crítico/social e de prezo pela forma”

(ARAÚJO; COSTA, 2016, p. 3). A formação do cânone literário atribui-se a partir da preferência por um determinado grupo de escritores que possuem os mesmos ideais de nacionalismo, além de características estereotipadas no que diz respeito à raça, ao gênero, à classe social e ao estilo literário, formando um certo padrão, um modelo a ser seguido. Por esta razão, muitos artistas tiveram suas obras desvalorizadas e até mesmo esquecidas, uma vez que eles não se encaixavam no padrão imposto pelo cânone literário brasileiro.

Segundo Araújo e Costa (2016), os escritores que passaram por esse processo de exclusão (escravos e seus descendentes, mulheres e pessoas menos favorecidas economicamente) foram esquecidos e levados ao que eles chamam de sarcasmo literário. Algumas mulheres da época conseguiram sua formação a partir do autodidatismo e, por este motivo, começaram a escrever tão bem quanto os homens, na maioria das vezes imitando a forma como eles escreviam para poderem encaixar-se no padrão de escrita e serem aceitas pela crítica literária. As mulheres que não eram aceitas dessa forma, utilizavam-se de pseudônimos masculinos para conseguir um reconhecimento de suas obras.

É válido ressaltar que o cânone literário desenvolveu-se a partir de aspectos sociais que compunham as obras literárias, além de sua aprovação pela crítica, “[...] levando em conta o que há, também, nas entrelinhas da escrita literária, como elementos socioculturais; a autoria e sua relação com a crítica; gênero do escritor; e ideologias predominantes da época.” (ARAÚJO; COSTA, 2016, p. 7).

O padrão estabelecido para o cânone literário brasileiro deixou à margem da literatura os escritores que faziam parte dos grupos historicamente minorizados (negros, mulheres e pobres). Grande parte das obras literárias de autoria negra foram silenciadas e esquecidas, não fazendo parte da história da literatura brasileira. Somente no final do século XIX e início do século XX, escritores negros começaram a ganhar espaço na literatura brasileira. Os precursores da Literatura negra no Brasil foram Luiz Gama, Cruz e Souza e Lima Barreto, os quais escreviam em seus textos a inquietação face ao preconceito racial, muitas vezes apresentado de forma implícita e de maneira isolada, como salienta Cuti (2010):

Luiz Gama e Cruz e Sousa atuaram em prol da abolição da escravatura ao lado de brancos liberais. Lima Barreto aproximou-se de correntes de esquerda que iniciavam suas atividades no Brasil. Entretanto, do ponto de vista literário, foram solitários, em especial no

empenho de sua afirmação racial ou crítica ao racismo. (CUTI, 2010, p. 60).

Nesse sentido, segundo Cuti (2010), esses autores, baseados em suas experiências de serem discriminados racialmente, desenvolveram seus textos deixando transparecer um posicionamento diferenciado pela constituição de um sujeito étnico negro, no qual, percebe-se no interior do texto que o ponto de partida do discurso “[...] reivindica para si a identidade com os discriminados e não com os discriminadores” (CUTI, 2010, p. 60). Embora os textos desses autores apresentem padrões voltados para leitores brancos, eles podem ser considerados precursores da literatura negra por assumirem o “eu” negro brasileiro no âmbito poético e narrativo. Dessa forma, Cuti (2010) afirma que,

[...] esses autores constituíram um conjunto de textos primordiais para a assunção de uma perspectiva histórico-literária que evoluiu seus passos para a ideia de um coletivo de autores que, por mais disperso que seja, firmará a vertente negra na literatura brasileira, a literatura negro-brasileira. (CUTI, 2010, p. 72).

Esses autores são exemplos do isolamento estético-literário no que diz respeito à subjetividade negro-brasileira, uma vez que, devido a este isolamento, eles não conquistaram uma resposta positiva quanto à recepção dos seus textos, fato que impediu por décadas, no bojo do século XX, o início de uma consciência no campo literário. Dessa forma, apesar de terem seus textos conhecidos, os autores não se encaixavam no padrão estético-literário estabelecido e, por este motivo, suas obras não eram consideradas canônicas. Somente no final do século XX consolidaram-se no Brasil movimentos negros que concederam oportunidade a esses escritores. Os *Cadernos Negros*, antologia de prosa e poesia, surgiram principalmente em prol de um autorreconhecimento, conscientização política e luta para que a população negra tivesse acesso à educação e aos bens culturais.

2.3 A (IN)VISIBILIDADE DE ESCRITORAS NA LITERATURA BRASILEIRA: UMA QUESTÃO DE RAÇA E GÊNERO

No decorrer da história da literatura do Brasil muitas mulheres tiveram seus textos silenciados, pois não pertenciam ao padrão estético-literário imposto. Gomes (2003) argumenta acerca da educação e da escrita feminina, destacando o fato das

mulheres terem sido excluídas do sistema educacional durante o século XIX, o que ocasionou uma taxa muito grande de analfabetismo feminino ao final do século. Posteriormente, as mulheres ganharam emancipação e seus textos foram publicados pela imprensa em revistas femininas e religiosas, dessa forma, “[...] o avanço da escrita feminina foi ampliado com a crítica às obras literárias, confessionais e canônicas” (GOMES, 2003, p. 5).

A escrita feminina era uma forma de mulheres fugirem da realidade em que viviam, revelando seus anseios e medos, fazendo uma crítica ao sistema patriarcal vivenciado por elas. Destacam-se três momentos importantes no percurso literário feminino, compreendido entre 1840 e 1960, são eles: a imitação, na qual elas precisavam escrever com base nos modos de dominação da ideologia social; a ruptura, quando elas começam a escrever como forma de protesto pela autonomia e valores da minoria; e o terceiro é a fase da autodescoberta, na qual elas escrevem abrangendo questões referentes ao final do século XX.

Na literatura as mulheres negras nunca apareceram como personagens principais, elas aparecem, na maioria das vezes, como personagens secundárias, escravas e sexualizadas, com o intuito de servir aos senhores brancos. Os textos de escritoras negras na literatura brasileira aparecem poucas vezes e, quando aparecem, não contam histórias onde elas são protagonistas e sim coadjuvantes. Assim, destaca Evaristo (2005):

Percebe-se que na literatura brasileira a mulher negra não aparece como musa ou heroína romântica, aliás, representação nem sempre relevante para as mulheres brancas em geral. A representação literária da mulher negra, ainda ancorada nas imagens de seu passado escravo, de corpo-procriação e/ou corpo-objeto de prazer do macho senhor, não desenha para ela a imagem de mulher-mãe, perfil desenhado para as mulheres brancas em geral. (EVARISTO, 2005, p. 2).

As autoras negras foram, por muito tempo, omitidas de nossa literatura. Embora fale-se muito mais sobre autoras negras na contemporaneidade, essas ainda não fazem parte da literatura apresentada nos livros didáticos e não são apresentadas nos currículos escolares, uma vez que ainda há um padrão estético-literário enraizado na literatura brasileira. Nesse sentido, evidencia-se a importância de abordar a invisibilização dessas autoras no cânone literário brasileiro, salientando a importância desses textos que, para além de um perfil estético, buscam apresentar e dar sentido a um outro movimento: o de suas lutas.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa, intitulada *A invisibilização de escritoras negras no cânone literário brasileiro*, visa compreender de que maneira o processo de invisibilização de escritoras negras no cânone literário brasileiro ao longo da história pode reforçar estereótipos de gêneros na produção literária. Após a definição da pergunta problema e, posteriormente, da temática, foram levantadas hipóteses que fomentaram pesquisas bibliográficas e estudos que contribuíram para o alcance do objetivo deste trabalho. A partir da escolha do tema, realizou-se a elaboração do pré-projeto e, na sequência, a versão final. Após leituras e pesquisas acerca do tema, a atenção foi destinada à análise de livros, textos e pesquisas que compõem o referencial teórico. Diante das questões levantadas, o presente estudo possui caráter analítico acerca de mulheres negras que foram silenciadas na nossa literatura, a partir de um levantamento histórico, de uma pesquisa de natureza básica, com abordagem qualitativa. Tal categorização respalda-se nos seguintes argumentos: esta pesquisa busca ocasionar novos conhecimentos, por meio de análise, não levando em consideração a necessidade de uma aplicação prática; e permite compreender os enredamentos e os detalhes das informações obtidas, considerando como resultados os fenômenos e não os números, para a elaboração das análises.

4 ANÁLISES E DISCUSSÕES

Para embasar o tema proposto por esta pesquisa, foram feitas análises em livros didáticos utilizados por alunos do ensino médio em várias escolas públicas do país. As análises basearam-se em identificar como é proposto o conteúdo sobre as relações étnico raciais nos livros didáticos e se existem sugestões de textos literários escritos por autoras negras. A pesquisa pautou-se na análise de duas coleções de livros didáticos para o Ensino Médio.

4.1 PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO: DIÁLOGO REFLEXÃO E USO

A primeira coleção denomina-se “Português Contemporâneo: diálogo, reflexão e uso” (figura 1), de William Cereja, Carolina Dias Vianna e Christiane Damien, e foi publicada pela editora Saraiva no ano de 2016.

Figura 1 - Português Contemporâneo: diálogo, reflexão e uso



Fonte: Editora Saraiva

O primeiro volume desta coleção divide-se em quatro unidades. A primeira delas aborda os conceitos de literatura, língua e linguagem, e suas respectivas funções. A unidade atribui ênfase à produção de texto e ao gênero textual poema, e os textos que aparecem são de autores como Carlos Drummond de Andrade, Antonio Candido, Gil Vicente e Leandro Gomes Barros. A segunda unidade do livro, intitulada *engenho e arte*, possui como foco principal o Classicismo, movimento artístico e cultural que ocorreu na Europa a partir do século XV. O foco dos textos é Camões, um poeta português, considerado o maior escritor do Classicismo.

A terceira unidade, denominada *palavras em movimento*, apresenta o estudo de fonética, acentuação e ortografia, vinculado a textos do Barroco. Nesse contexto, os textos apresentados nesta unidade são de autores desse período, tais como: Gregório de Matos, Padre Antônio Vieira e Luís de Camões. A quarta e última unidade apresenta o movimento literário denominado Arcadismo, mencionando textos e autores desse movimento, tais como: Bocage, Cláudio Manuel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga e Basílio da Gama. A unidade apresenta também capítulos sobre a estrutura e a formação de palavras.

O segundo volume dessa coleção segue uma divisão igual ao primeiro, em quatro unidades. A primeira unidade, intitulada “eu e o mundo”, apresenta como conteúdo o ensino de adjetivos e substantivos, além de produções textuais dos gêneros: relato de experiência, anúncio publicitário e documentário. Os capítulos que trabalham literatura voltam-se para a escola literária denominada Romantismo. Nesse contexto, os escritores que aparecem são Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo e Casimiro de Abreu, alguns dos principais escritores românticos no Brasil. A segunda unidade discorre sobre a prosa romântica no Brasil, apresentando textos de escritores da época, como José de Alencar, Manuel Antônio de Almeida, Álvares de Azevedo e Camilo Castelo Branco. Ademais, a unidade trabalha o gênero textual crônica, trazendo, como exemplo, a crônica “Em busca da verdade”, do escritor Rubem Braga.

A terceira unidade apresenta os movimentos artísticos e literários Realismo, Parnasianismo e Naturalismo. Dessa forma, os capítulos ocupam-se de apresentar autores que representam esses movimentos, dando ênfase a Machado de Assis e trechos de suas principais obras, como *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Dom Casmurro*. Também aparecem Aluísio Azevedo e Olavo Bilac. Por fim, a última unidade discorre sobre o Simbolismo, trazendo autores como Cruz e Sousa e Alphonsus de Guimaraens.

O terceiro volume da coleção é direcionado ao terceiro ano do Ensino Médio e apresenta conteúdos voltados para a aprovação em vestibulares e no Enem. Dando continuidade a sequência de conteúdos abordados nos volumes anteriores, ele apresenta o movimento artístico e cultural denominado Modernismo. Os conteúdos abordados no primeiro capítulo trabalham a concordância verbal, o gênero textual conto e o pré-modernismo, apresentando textos de dois autores desse movimento: Lima Barreto e Augusto dos Anjos.

O segundo capítulo faz uma introdução ao Modernismo, apresentando como o movimento consolidou-se no Brasil e seus principais artistas e obras. Nesse contexto, manifestam-se autores bastante conhecidos na literatura brasileira, como Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Monteiro Lobato. O terceiro e último capítulo da unidade aborda a geração de 22, ano em que o Modernismo consolidou-se no Brasil, destacando os autores Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Manuel Bandeira e Castro Alves. Ao final de cada unidade, destacam-se textos relacionados ao assunto abordado, os quais são destinados ao preparo para o ENEM e vestibulares.

A segunda unidade, intitulada “Palavra e persuasão”, apresenta seus capítulos de literatura voltados para os autores da Geração de 30, a qual também é conhecida como a segunda fase do Modernismo. O foco consolida-se nos seguintes escritores: Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, José Lins Rego, Jorge Amado, Érico Veríssimo e Carlos Drummond de Andrade. Assim como na primeira unidade, essa também expõe textos com foco no vestibular.

A poesia de 30 e a geração de 45 são os conteúdos da terceira unidade do livro. No primeiro capítulo, voltado para a literatura, os autores fazem um apanhado de alguns textos de Cecília Meireles e Vinícius de Moraes, poetas que representam a geração de 30. No que tange a geração de 45, composta por um grupo de escritores brasileiros da terceira geração modernista, o livro apresenta os principais nomes e obras deste período, como: João Cabral de Melo Neto e fragmentos da obra *Morte e Vida Severina* (1955); Clarice Lispector e contos do livro *Laços de Família* (1960); e Guimarães Rosa com sua obra *Sagarana* (1946). Além disso, unidade divide-se em Língua e Linguagem, e produção de texto que abordam, respectivamente, operadores argumentativos e dissertação.

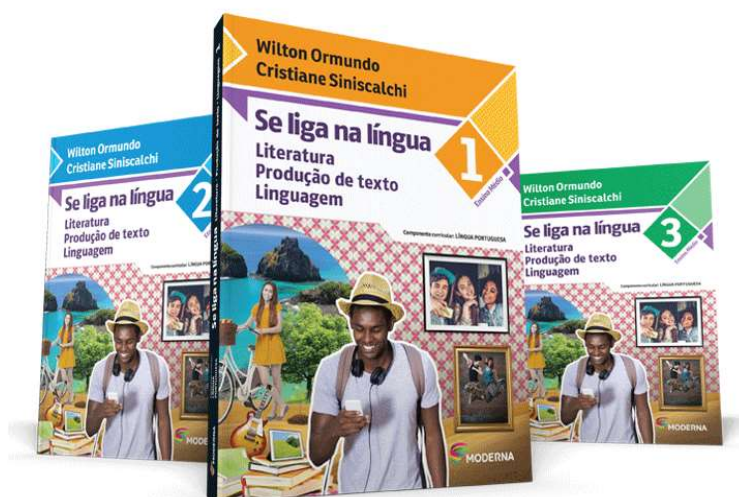
O livro apresenta uma quarta unidade que se divide em três capítulos. O primeiro capítulo faz uma articulação sobre a literatura brasileira contemporânea, destacando o Concretismo, a literatura de resistência e a poesia marginal. Ademais, os autores fazem um percurso sobre a história da literatura brasileira do final do século XX até os dias atuais, destacam-se os escritores Ferreira Gullar e Milton Hatoum. O segundo capítulo expõe o panorama da literatura brasileira no século XX, evidenciando os autores Fernando Pessoa e José Saramago. O terceiro capítulo apresenta as literaturas africanas de língua portuguesa e literatura negro-brasileira, sendo este o único capítulo voltado para a temática de história e cultura afro-brasileira.

Os autores apresentados são Viriato da Cruz, Craveirinha, Adão Ventura, Márcio Barbosa, Cuti e Agostinho Neto.

4.2 SE LIGA NA LÍNGUA: LITERATURA, PRODUÇÃO DE TEXTO, LINGUAGEM

A segunda coleção intitula-se “Se liga na língua: Literatura, produção de texto e linguagem”, de Wilton Ormundo e Cristiane Siniscalchi, publicada também em 2016 pela editora Moderna.

Figura 2 - Se liga na língua: Literatura, produção de texto e linguagem



Fonte: Editora Moderna

Esta coleção possui uma divisão diferente da primeira. As unidades dividem-se em literatura, produção de texto e gramática, separadamente, sendo os primeiros capítulos voltados somente para a literatura, o foco da nossa análise.

O primeiro volume da coleção, voltado para o primeiro ano do ensino médio, inicia-se com questionamentos referentes ao sentido da literatura, sua função e surgimento. Os autores fazem um percurso histórico sobre a história da literatura e, no primeiro capítulo, apresentam um texto literário. Neste contexto, destacam-se os escritores José Paulo Paes, Antonio Cicero, Joaquim Manuel Macedo, Waly Salomão e Carlos Drummond de Andrade. O segundo capítulo articula os gêneros literários épico e dramático, expondo trechos da obra *Odisséia*, de Homero. Destacam-se também a teoria clássica dos gêneros e os gêneros literários modernos, apresentando o texto “No metrô vazio”, da escritora contemporânea Heloísa Seixas. O terceiro

capítulo é estruturado totalmente em torno do gênero lírico, articulando um estudo sobre o poema e textos de Mario Quintana, Luís de Camões, Ferreira Gullar, Nicolas Behr e Bruno Zeni.

A unidade 2, intitulada “Herança Lusitana”, divide-se em dois capítulos (capítulo cinco e seis) que abordam os primórdios da literatura em nossa língua e o Quinhentismo, respectivamente. O quarto capítulo inicia-se com a letra da música “Fez-se mar”, do cantor Marcelo Camelo, fazendo uma comparação com poesias líricas e cantigas medievais do Trovadorismo. Outros dois períodos literários são expostos neste capítulo: Humanismo e Classicismo.

Para argumentar sobre o Humanismo, os autores apresentam a poesia *Vossa grande crueldade*, de Francisco da Silveira, além de trechos da obra *Auto da barca do inferno*, de Gil Vicente, famoso poeta e dramaturgo português, considerado o pioneiro do teatro português. Para a abordagem do Classicismo os autores discorrem sobre trechos do poema *Os Lusíadas* de Luís de Camões. Para fazer uma apresentação do Quinhentismo os autores expõem, primeiramente, o texto *A terra que se abre como flor*, de Sérgio Cohn. O capítulo desenvolve-se com trechos da carta de Pero Vaz de Caminha e termina fazendo uma síntese dos movimentos literários brasileiros.

A terceira unidade é voltada para o movimento literário denominado Barroco e os dois capítulos dessa unidade discorrem sobre este assunto, estando o foco em trechos de obras de Gregório de Matos e Padre Antônio Vieira. Na unidade quatro apresenta-se o Arcadismo, destacando-se os autores Bocage, Affonso Romano de Sant’Anna, Santa Rita Durão, Basílio da Gama, Cláudio Manuel da Costa e Tomás Antônio Gonzaga.

O segundo volume da coleção de livros tem sua parte literária desenvolvida em sete capítulos, distribuídos dentro de cinco unidades. Os movimentos literários abordados nessas unidades são o Romantismo, Realismo-Naturalismo, Parnasianismo e Simbolismo. As duas primeiras unidades discorrem acerca do Romantismo. Na primeira, os autores fazem um percurso histórico sobre a origem do romantismo europeu, destacam-se os textos do escritor Camilo Castelo Branco. A segunda unidade aborda a consolidação do Romantismo no Brasil e traz, conseqüentemente, as três gerações românticas, destacando-se na primeira geração, representada pelos poetas nacionalistas, o escritor Gonçalves Dias e seu poema *I-Juca Pirama*.

Na segunda geração romântica, representada pelos ultraromânticos, o foco está no poeta Álvares de Azevedo e na terceira geração, marcada pela poesia social, o poeta que se destaca é Castro Alves, a partir de trechos do livro *Navio Negreiro*. A prosa romântica também é salientada ao final da unidade, os escritores apresentados são José de Alencar e Manuel Antônio de Almeida.

A unidade três descreve como manifestaram-se o Realismo e o Naturalismo na Europa, articulando como esses movimentos constituíram-se e salientando que o Naturalismo é um tipo de Realismo, logo, aparecem sempre juntos nos livros didáticos. A unidade destaca, como autores desses períodos, Émile Zola e Eça de Queirós. Para complementar a temática abordada na terceira unidade, a unidade quatro discorre sobre como esses movimentos manifestaram-se no Brasil e quais foram seus principais representantes, destacando Machado de Assis e Aluísio de Azevedo.

O capítulo cinco, na quarta unidade, aborda um movimento que veio opor-se ao Realismo-Naturalismo, buscando resgatar a cultura clássica em suas obras, o Parnasianismo. Os autores apresentam os escritores Alberto Oliveira, Raimundo Correia e Olavo Bilac, os quais são conhecidos, respectivamente, como o mestre parnasiano, o poeta do desengano e o poeta popular.

A última unidade direcionada à literatura é desenvolvida em torno do Simbolismo. Ao contrário do Realismo-Naturalismo, este movimento acreditava em tudo que representava o misticismo e subjetivismo, opondo-se contra tudo o que era material e racional. Na Europa esse movimento foi representado por escritores como Charles Baudelaire, Camilo Pessanha e Paul Verlaine. No Brasil houveram muitos artistas, mas a unidade destaca os escritores Alphonsus de Guimaraens e Cruz e Souza.

O terceiro e último volume da coleção, direcionado ao terceiro ano do ensino médio, possui a sua parte literária voltada para a escola literária denominada Modernismo, salientando seu surgimento na Europa e, posteriormente, sua chegada ao Brasil. Dessa forma, os dois primeiros capítulos dissertam acerca desse movimento em Portugal, destacando as vanguardas europeias: Futurismo, Dadaísmo, Expressionismo, Cubismo e Surrealismo. Ormundo (2016), apresenta como principal escritor modernista português, o poeta Fernando Pessoa e alguns de seus heterônimos, destacando-se Álvaro de Campos (heterônimo mais conhecido do escritor), Alberto Caeiro e Ricardo Reis. O livro apresenta textos de Fernando Pessoa como “ele mesmo”.

A segunda unidade discorre sobre o Modernismo no Brasil, descrevendo, no terceiro capítulo, os antecedentes desse movimento no país, conhecidos como pré-modernistas. Os autores destacam Euclides da Cunha, Lima Barreto, Monteiro Lobato e Augusto dos Anjos. A primeira fase modernista, período que ocorreu entre os anos de 1922 e 1930, foi marcada pela Semana de Arte Moderna, possuindo em suas obras características inovadoras e de caráter nacionalista. Alguns escritores importantes que representaram esta fase foram Oswald de Andrade, Mário de Andrade e Manuel Bandeira.

A segunda fase do modernismo no Brasil, também conhecida como Geração de 1930, está entre os anos de 1930 a 1945, período marcado por diversos conflitos sociais e políticos, o que originou textos com essas temáticas. Divididos entre a prosa e a poesia, os autores da época apresentavam, na poesia, a liberdade formal, prestada por autores como Carlos Drummond de Andrade e Vinícius de Moraes. Os textos em prosa, por sua vez, eram marcados por um engajamento político e temáticas sociais. Alguns autores representantes dessa temática foram Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, Jorge Amado e Érico Veríssimo.

O pós-modernismo desenvolveu-se em meados do século XX e é definido a partir de diversas mudanças artísticas, sociais, filosóficas e científicas que ocorreram após a Segunda Guerra Mundial, sendo, conseqüentemente, um período marcado por muitos avanços tecnológicos e de expansão dos meios de comunicação e da indústria cultural. Na literatura, as principais características deste movimento foram: a omissão de regras e valores, a mistura entre o real e o imaginário, o individualismo, a pluralidade e a liberdade de expressão. A quarta unidade do livro destaca os principais escritores deste período: João Cabral de Melo Neto, Augusto de Campos, Ferreira Gullar, Clarice Lispector e Guimarães Rosa

A última unidade do livro voltada para a literatura, ressalta alguns textos de autores da literatura de língua portuguesa: Luís Bernardo Honwana (Moçambique); Baltazar Lopes da Silva (Cabo Verde); José Saramago (Portugal); Adélia Prado (Brasil); Milton Hatoum (Brasil); Antonio Cicero (Brasil) e Marcelino Freire (Brasil).

A análise dessas coleções de livros didáticos permite ter uma visão de como são articulados os conteúdos de literatura para o ensino médio. Percebe-se que o ensino é voltado para conteúdos que visam a aprovação dos alunos no Enem e em vestibulares e, dessa forma, apresentam autores e obras canônicas. Os únicos textos de mulheres que aparecem nos livros didáticos são de escritoras que estão dentro do

padrão estético-literário estabelecido pelo cânone literário brasileiro. Observamos também que existe apenas um capítulo direcionado aos estudos da literatura afro-brasileira e ele encontra-se ao final do livro didático do terceiro ano do ensino médio.

Considerando as obras acima analisadas constata-se que a abordagem de temáticas sobre a cultura afro-brasileira é, a partir da lei nº 10.639/03-mec, obrigatória nos currículos escolares, uma vez que esse código institui a obrigatoriedade do ensino de "História e cultura afro-brasileira" nos currículos do ensino fundamental e médio. A lei estabelece que os conteúdos devem pautar-se no estudo de:

"História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil" (BRASIL, 2003, p.1).

Além disso, os conteúdos devem ser ensinados abrangendo todo o currículo escolar, especialmente, as aulas de história, artes e literatura.

Outro documento importante criado pelo Ministério da Educação, denomina-se "Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais", construído a partir de estudos de diversos profissionais da educação após a promulgação da lei nº 10.639/03, e tem como objetivo apresentar uma política educacional que reconhece a diversidade étnico-racial dentro das escolas. Essas orientações dirigem-se aos profissionais da educação de todas as modalidades de ensino, desde a educação infantil até o ensino médio, para que eles possam conhecer essa temática e incluí-la em suas aulas.

No que diz respeito ao ensino de educação étnico racial para os alunos do ensino médio, orienta-se que deve haver uma consciência histórica e política sobre diversidade para que se entenda que a sociedade é formada por diversos grupos étnicos raciais, cada um com sua cultura e sua história. Além disso, o ensino deve buscar ampliar o conhecimento sobre a diversidade no Brasil, rompendo com a visão de imagens negativas contra os negros e os índios, e ações afirmativas de combate às discriminações raciais.

Neste sentido os estudos sobre a história e cultura africanas e afro brasileiras devem pautar-se em buscar essas referências primeiramente no cotidiano dos alunos, em suas origens, como uma forma deles se identificarem com o que será abordado.

É necessário que os alunos conheçam diversos tipos de textos que circulam em diferentes esferas sociais, e principalmente textos escritos por autores negros, que comprovam que existe sim uma contribuição desses escritores na história da cultura brasileira.

Apesar de existir uma lei vigente, concluímos, a partir dessa análise feita e das nossas vivências, que a educação ainda precisa estender suas discussões acerca de questões raciais. Para além da obrigatoriedade, deve-se pensar na importância desses estudos para a formação dos nossos alunos, principalmente, no processo de construção do senso crítico. Estudar literatura negro-brasileira e conhecer autoras negras que fizeram, e fazem parte da história da literatura, permitirá que os alunos conheçam a condição real do negro no Brasil, podendo modificar a visão que eles têm da comunidade afro-brasileira, ou até de si mesmo, rompendo com o racismo enraizado não só na sociedade, mas também dentro da própria literatura.

4.3 ESCRITORAS NEGRAS BRASILEIRAS – POR UM CÂNONE AFROREFERENCIADO

O direito à palavra no decorrer da nossa história não era para todos, pois o domínio da linguagem significava, e significa até hoje, uma forma de poder. Dessa forma, durante séculos o direito à escrita literária foi somente dos grupos dominantes que concentravam em suas mãos a autonomia e o controle da sociedade, invisibilizando os grupos sociais marginalizados. Nesse contexto, cabe destacar um grupo que sofreu historicamente com as barreiras construídas para o seu silenciamento: as escritoras negras. A análise a seguir pauta-se na construção de um cânone literário de escritoras negras brasileiras, articulando, em uma linha do tempo, escritoras negras desde o século XIX até a contemporaneidade.

4.3.1 Maria Firmina dos Reis

No século XIX foi publicado o primeiro romance de autoria feminina no Brasil, *Úrsula* (1859), de Maria Firmina dos Reis, uma escritora negra, romancista, poetisa, professora de primeiras letras maranhenses e, atualmente, figura consolidada no panorama da literatura brasileira. Maria Firmina surge como precursora e representante do romance abolicionista no Brasil.

Maria Firmina dos Reis nasceu em São Luís do Maranhão, em 11 de outubro de 1825, no entanto, documentos encontrados recentemente apontam que a escritora nasceu em 11 de março de 1822. Foi a primeira filha de João Pedro Esteves e Leonor Felipa dos Reis, porém, seus pais nunca se casaram e ela não foi registrada pelo pai, contando somente o nome de sua mãe em sua certidão de nascimento. Vivenciando uma trajetória difícil, Maria Firmina ficou órfã aos cinco anos de idade e, por este motivo, foi morar com sua tia materna em Vila de São José de Guimarães, no município de Viamão, situado no continente e separado da capital, São Luiz, pela balsa de São Marcos. Esse foi um fato crucial para sua formação.

Durante o tempo que morou com a tia, Maria Firmina tomou contato com muitas referências culturais que a encaminharam para o trabalho com as letras e com a educação. Recebeu muita ajuda também do escritor e gramático Sotero dos Reis, primo por parte de mãe, ele foi citado em diversos poemas. No ano de 1847 foi a primeira mulher a ser aprovada em um concurso público no estado do Maranhão, tornando-se professora. Sua vida e suas obras foram carregadas de uma postura antiescravista, embora, na época fosse difícil para uma mulher manifestar sua opinião a respeito da escravidão. Para uma mulher negra era, então, praticamente impensável, mas ela o fez. O prestígio alavancado por sua carreira na docência foi o que possibilitou a publicação do romance *Úrsula*, em 1859, assinado sob o pseudônimo “Uma maranhense”.

O enredo da obra de Maria Firmina foi de encontro com a temática que a Literatura nacional buscava escapar: enfrentar o problema social da escravidão, dessa forma,

Enfocando questões angulares da sociedade brasileira; isto é, a violência do patriarcalismo e da escravidão, ao romance subjaz a hipótese de que a ausência de freios às paixões humanas próprias a uma sociedade que repousa sobre a opressão da escravidão e a subserviência das mulheres promove a distorção do caráter masculino. Homens excessivamente poderosos, ao não encontrarem limites ao exercício de seus desejos, tornam-se monstros sociais, destruindo a si próprios e a todos que estão em torno. A receita sugerida pela autora para superação disso é a autoimolação dos bons. Isso porque o bem precisa ser mantido intocado, mesmo nas circunstâncias mais injustas. (MACHADO, 2019, p. 99).

O romance de Maria Firmina do Reis cometeu um atentado ainda maior aos cânones literários da época, uma vez que os escravos foram caracterizados como

personagens densos e subjetivos, capazes de refletir sobre a escravidão de uma forma natural, com seu cortejo de injustiças.

Além do romance *Úrsula*, a escritora publicou outras obras conhecidas, entre elas: *Gupeva* (1861), de temática indianista; *Recantos à Beira Mar* (1871), livro de poesias; e *A escrava* (1887), publicado no auge da campanha abolicionista, reforçando sua postura antiescravista. Ademais, a autora teve participação importante na sociedade e também como intelectual, pois atuou em trabalhos de leitura, escrita, ensino e como folclorista, contribuindo para a preservação de textos da literatura oral. Destaca-se ainda sua participação, como compositora, no hino para a abolição da escravatura.

Firmina faleceu em 1917 aos 92 anos, ou 95, dependendo da data de nascimento que se é considerada, passando, dessa forma, por todas as grandes crises vividas por sua província natal:

[...] da Balaiada às revoltas de escravos como a do Viana de 1867. Conviveu com a presença de quilombolas e fugitivos em todas as partes da geografia urbana e social da capital e do interior, com o esvaziamento da propriedade escrava pós-1850, quando essa passou a ser vendida para o sudeste, assistiu ao impacto das leis abolicionistas, da Abolição e do pós-abolição, podendo observar as transformações e permanências dessa sociedade patriarcal, patrimonialista, paternalista e violenta para além dos estertores do próprio sistema escravista. (MACHADO, 2019, p. 95)

Foi nesse contexto que viveu Maria Firmino dos Reis, em uma sociedade escravista, patriarcal, paternalista e muito violenta. No entanto, apesar de sua atuação política ter ocorrido a partir das letras, ela não pode ser subestimada, pois, como afirma Mott (1988) “[...] a resistência e a luta da mulher contra a escravidão resgata uma forma de participação informal exercida, quase sempre, fora das esferas de poder e dos quadros político-partidários, mas nem por isso menos importante e eficiente” (MOTT, 1988, p. 17).

O século XX foi marcado pela presença de diversas escritoras negras que escreviam como forma de apresentar suas vivências e lutas enquanto mulher negra. Destacam-se, nessa análise, Carolina Maria de Jesus, Geni Guimarães e Lélia Gonzalez.

4.3.2 Carolina Maria de Jesus

Carolina Maria de Jesus, nasceu em 14 de março de 1914 no município de Sacramento, interior de Minas Gerais. Os avós de Carolina foram escravizados e ela, por ser negra, não possuía direito à educação, uma vez que no início da década de 1920, o acesso à escola era praticamente exclusivo a crianças brancas pertencentes às famílias tradicionais. Foi graças a dona Maria Leite, uma filantrópica, que Carolina conseguiu ingressar em uma escola, pois dona Maria possibilitou o ingresso de diversas crianças negras na escola espírita Allan Kardec, além de fornecer roupas e livros para essas crianças desamparadas pelo poder público.

A mãe de Carolina, dona Maria Carolina, mudou-se com a família para uma fazenda em outra cidade, por um novo emprego. Por consequência, Carolina Maria precisou abandonar a escola, uma vez que a distância entre sua nova casa e a instituição de ensino era grande. Dessa forma, a menina Bitita, como era chamada, recebeu somente uma educação informal por dois anos incompletos. Embora tenha estudado por pouco tempo,

[...] esses dois anos incompletos de vivência escolar somados aos esforços de sua professora, quem lhe emprestava livros de História e poesia, além de incentivá-la a escrever tudo que viesse à mente, foram suficientes para despertar em Bitita a sua paixão pela leitura. (GABRIEL, 2019, p. 96).

Durante as colheitas, Carolina e sua mãe vendiam sua mão de obra nas fazendas do interior paulista e mineiro, por isso, mudavam-se constantemente, mas, apesar de trabalharem muito, a condição financeira não melhorava. Depois de muita luta, a mãe da menina Bitita veio a falecer, o que agravou ainda mais a situação. Carolina precisou trabalhar como empregada doméstica para poder obter seu sustento. Em uma viagem da patroa para a capital paulista, "[...] de Jesus aproveita a oportunidade e viaja com os patrões para São Paulo, realizando o sonho de conhecer a cidade onde acreditava que teria melhores condições de vida e seria capaz de prosperar." (GABRIEL, 2019, p. 97).

Carolina desembarca em São Paulo, próximo ao local onde seria sua morada por um longo período e, também, o cenário de suas narrativas. Logo que chegou, sem muitas condições financeiras, ela precisou abrigar-se na rua, sob pontes, uma vez que estava sozinha no mundo, sem ninguém para ajudá-la. Trabalhou em diversas

funções para sobreviver, indo de empregada doméstica a artista circense. No ano de 1948, Carolina engravidou de um marinheiro português que a abandonou. Em razão da gravidez, perdeu seu emprego, e voltou a morar nas ruas. Foi então que o governador do estado de São Paulo ordenou que recolhessem todos os mendigos pelas ruas e despejá-los num grande terreno à margem esquerda do rio Tietê. Como consequência disso,

Carolina e outras centenas de pessoas são “despejadas” no leito do Rio Tietê, nas proximidades do bairro Canindé. Grávida e sem ter para onde ir, de Jesus recolhe madeiras e outros materiais de construção numa igreja e constrói seu barraco num terreno público (a Favela do Canindé), nas proximidades do aterro sanitário da cidade, onde Carolina passou a catar material tanto para vender quanto para escrever. (GABRIEL, 2019, p. 98).

No ano de 1958 o talento de Carolina como escritora foi descoberto. A favela do Canindé cresceu acentuadamente e, por este motivo, um jornalista esteve no local para fazer uma reportagem sobre o crescimento da favela e a inauguração de um parquinho público. O repórter viu, então, Carolina expulsando um bando de marmanjos do parquinho, alegando que aquele lugar era para as crianças e ameaçando colocá-los em seu livro. O interesse pelo livro fez o repórter aproximar-se de Carolina que lhe apresentou o que ela escrevia. Impressionado com sua escrita, o jornalista publicou alguns dos escritos no jornal e reuniu os outros em um livro intitulado *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, lançado em 20 de agosto 1960.

Apesar de ter conseguido publicar seu livro em 1960, ressalta-se que Carolina enfrentou dificuldades para a publicação de suas narrativas,

[...] tendo em vista que era uma mulher negra da favela que fazia uma forte crítica social, expondo como os pobres eram abandonados pelos políticos. Desse modo, seu livro não era apreciado no período da ditadura militar e, mesmo após o fim da censura, tinha-se uma ideia de que não havia demanda para narrativas como as de Carolina, já que sua escrita não representava os ambientes mais elitizados de cultura. (JORGE; SOARES, 2020, p.42)

O livro *Quarto de despejo* foi o que rendeu sucesso a autora e a importância em nossa literatura. Seus escritos deram-se a partir de papéis que Carolina coletava dos lixos nas ruas da metrópole. A obra é um compilado de diários da vida da autora e reverbera em suas páginas a dureza da fome, o cheiro de lixo e a existência de pessoas que vivem em meio à miséria:

Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludo, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo. (Carolina Maria de Jesus, *Quarto de despejo*, 1960, p. 37).

O livro revela ao leitor as condições desumanas de quem vive das sobras, num contexto de extrema pobreza na Favela do Canindé, onde humanos precisavam conviver com ratos, baratas e abutres, onde o rio Tietê inundava as casas com seus dejetos após fortes chuvas. Carolina consegue demonstrar a realidade cruel a qual esses seres humanos eram submetidos. Ao quarto de despejo destina-se aquilo que não se quer mais, aquilo que se afasta dos olhos, que é descartável, indesejado.

A partir da publicação do livro, Carolina conheceu o sucesso e a ascensão social, sendo convidada para diversas entrevistas e viagens, passou a ser citada por muitos autores de renome e lançou mais livros, sendo traduzida por diversos idiomas e conhecida em outros países. Nesse contexto, a escritora deixou de morar na favela do Canindé e mudou-se para o bairro de Santana. Entretanto, o impulso da fama durou pouco tempo, uma vez que o seu trabalho ganhou a curiosidade das pessoas por pouco tempo, mas logo foi descartado, como um objeto de consumo. Após isso, Carolina precisou voltar à condição de catadora para garantir sua sobrevivência.

Em 13 de fevereiro de 1977, Carolina Maria de Jesus morreu, aos 63 anos, vítima de uma insuficiência respiratória. Na época, a escritora já havia sido esquecida pelo mercado editorial e os livros publicados após *Quarto de despejo* não obtiveram tanto sucesso. O descaso fez com que ela fosse rejeitada pelo cânone literário, no entanto, a magnitude do seu trabalho ressurgiu nos últimos anos, devolvendo-lhe o reconhecimento da grande escritora que ela sempre foi.

4.3.3 Lélia Gonzalez

Outra escritora negra de grande representatividade no século XIX foi Lélia Gonzalez, uma importante intelectual e ativista brasileira. Considerada a primeira mulher negra a dedicar-se aos estudos de raça e gênero no Brasil, Lélia desenvolveu forte pesquisa e militância na área. Nascida em 01 de fevereiro de 1935, em Belo Horizonte, Lélia Gonzalez é a 17ª filha do casal Ucrinda Serafim de Almeida, de ascendência indígena, e Acácio Joaquim de Almeida, negro. Lélia trabalhou como

babá e empregada doméstica e, no ano de 1954, concluiu o ensino médio, formando-se na universidade quatro anos depois, em História e Geografia.

Lélia foi professora de turmas de ensino fundamental e médio por muitos anos e, posteriormente, tornou-se professora universitária em duas universidades do Rio de Janeiro: a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e a Pontifícia Universidade Católica (PUC-Rio).

Na literatura, a autora iniciou sua carreira como tradutora de livros de filosofia. Lélia organizava grupos de estudos em sua própria casa para a discussão de livros e autores importantes para a literatura e, na década de 1970, começou a escrever seus próprios ensaios e não parou mais. Algumas obras importantes da escritora são: *Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira* (1983), *A mulher negra no Brasil* (1984), *Por um Feminismo Afro-latino-Americano* (1988), *A categoria político-cultural de amefricanidade* (1988). Esses são alguns dos ensaios que Lélia Gonzalez escreveu para relatar a situação dos negros e das mulheres na sociedade.

As obras de Lélia Gonzalez são todas voltadas para a temática feminista e antirracista, sendo que muitas delas foram traduzidas para outros idiomas e são reconhecidas internacionalmente. Além de sua contribuição para a literatura, Lélia Gonzalez participou de movimentos sociais, sendo alguns deles as

[...] lutas contra a ditadura militar, pela redemocratização do Brasil e contra o Apartheid na África do Sul. Foi fundadora do Movimento Negro Unificado (MNU) e da organização Nzinga – Coletivo de Mulheres Negras. Gonzalez colaborou com subcomissões que discutiram o processo constituinte (1986-1988), além de ter integrado o primeiro Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (PIRES, 2022, p. 1).

Esses movimentos são relatados em muitas obras de Lélia Gonzalez e, hoje, são referências para diversos movimentos feministas e antirracistas no Brasil, no entanto, dentro da academia suas obras ainda são pouco exploradas.

4.3.4 Geni Guimarães

No final da década de 1970, outra escritora negra começou a ganhar reconhecimento, Geni Guimarães, com o lançamento de seu livro de poemas, *Terceiro Filho*. Geni Mariano Guimarães, nasceu em 8 de setembro de 1947, no município de São Manoel, interior de São Paulo e é descendente de uma família negra e pobre.

Aos cinco anos de idade, mudou-se com a família para uma fazenda em Barra Bonita, onde, mais tarde, exerceu a profissão de professora.

Antes mesmo de frequentar a escola oficial, Geni já sabia ler e gostava muito, lia poesias e histórias onde encontrava: revistas, livros e jornais. Assim, ao ingressar na escola, um professor comentou que ela era poeta, o que a inspirou a iniciar suas escritas. Durante sua adolescência, Geni foi colaboradora dos jornais *Debate Regional* e *Jornal da Barra*, publicando textos de diversos gêneros, como contos, poemas e crônicas. Nos anos seguintes, entrou em contato com a poesia negra, fazendo com que seus trabalhos ficassem mais definidos por motivos de identidade. A escritora dedicou-se às questões sociais, principalmente no que se refere à afirmação da afro descendência, por esse motivo candidatou-se a vereadora de sua cidade em 2000. Porém, não foi eleita. Em 1981, publicou dois contos no livro número 4 de *Cadernos Negros* e publicou também seu segundo livro de poesia, fortemente marcado pelos tons de protesto e de afirmação indenitária.

No início dos anos 80, a escritora “[...] aproximou-se do grupo Quilombhoje e do debate em torno da literatura negra. Dedicou-se às questões sociais, principalmente no que se refere à afirmação da afro descendência” (ANDRADE, 2019, p. 13). Em novembro de 1988 foi convidada a participar de diversos eventos culturais:

[...] a antologia *Schwarze Poesie*, Edition Diá, Alemanha Ocidental, e IV Bienal Nestlé de Literatura, que influíram para que fosse convidada pela secretaria da cultura de Colônia e mostrar seus trabalhos no projeto “As diferentes faces da América Latina – encontro com autores e diretores de cinemas brasileiros”. (ANDRADE, 2019, p. 13).

Ao reconhecer o valor de seu trabalho, a Fundação Nestlé publicou seu livro de contos intitulado *Leite do Peito* (1988).

Em 1989, Geni publicou uma de suas obras mais conhecidas, o livro *A cor da Ternura*. O livro é uma obra autobiográfica, na qual Geni buscou “[...] aquela menina da zona rural, com traumas, feridas e dores, mas também cheia de alegrias, força de superação e exemplo de vida” (ANDRADE, 2019, p. 14). A obra recebeu dois prêmios importantes na literatura: Jabuti e Adolfo Aisen. A autora salienta, em seu livro, que escrever, para ela, é um ato emancipatório, sendo o texto uma forma de libertação. Nesse contexto, ao escrever, ela liberta seus ideais para não deixar sua voz silenciada.

No carnaval de 1990, *A cor da Ternura* marcou presença no desfile da escola de samba Rosas de Ouro que teve como enredo “De Piloto de fogão a chefe da nação” e levou o título de campeã do Carnaval Paulista naquele ano. No ano de 2020, Geni foi a homenageada do ano na Balada Literária, evento dedicado à música, literatura e artes, em que foi lançado um documentário sobre sua história, dirigido pela cineasta Day Rodrigues. Na edição de 2021 da Balada Literária, Geni foi novamente homenageada, juntamente com a escritora indígena Eliane Potiguara. No mesmo ano, a escritora foi também homenageada na sétima edição da Olimpíada de Língua Portuguesa. Aos 74 anos, Geni Guimarães é um dos maiores nomes da Literatura afro-brasileira.

4.3.5 Conceição Evaristo

Conceição Evaristo é uma escritora negra brasileira de grande relevância na literatura contemporânea, participante ativa dos movimentos de valorização da cultura negra em nosso país, estreou na literatura em 1990. Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em 1946, em uma favela de Belo Horizonte. Na década de 1970 formou-se em uma Escola Normal na mesma cidade em que nasceu, e logo após, mudou-se para o Rio de Janeiro para ingressar no magistério público. Foi no Rio de Janeiro que encontrou um movimento negro cada vez mais intenso, “em consonância com um momento histórico marcado pela luta da população negra norte-americana por direitos civis e pelos movimentos de descolonização dos países africanos.” (MACHADO, 2014, p. 244).

Dois anos depois de chegar ao Rio de Janeiro, em 1975, Conceição Evaristo prestou concurso para o quadro de magistério na Cidade de Niterói, local em que trabalhou por quase dez anos, como professora do Supletivo. No ano de 1976, aos 30 anos, Conceição iniciou sua graduação em Letras na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em 1980 precisou interromper seus estudos devido ao nascimento de sua filha Ainá, concluindo a graduação somente em 1989. Na década de 1980, Conceição participou de grupos de literatura negro-brasileira, dentre eles, o grupo Negrícia: Poesia e Arte de Crioulo, que atuava recitando textos literários em favelas, presídios, praças e bibliotecas públicas. Nesse contexto, começou a escrever suas primeiras obras:

Em 1990, Conceição publicou seu primeiro poema nos Cadernos Negros, editados pelo grupo paulista Quilombhoje. Desde então, publicou diversos poemas e contos nos Cadernos, além de dois romances (2003, 2006), uma coletânea de poemas (2008) e um livro de contos (2011). Além disso, Conceição Evaristo é mestre em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1996) e doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (2011). Assim, além da obra literária, ela também tem produzido reflexões de cunho acadêmico sobre literatura negra brasileira e literatura africana. (MACHADO,2014, p. 244).

A obra de Conceição Evaristo é composta por poesia, romances e contos, abordando temáticas como a discriminação racial, de gênero e de classe, ou seja, revelando a condição do afrodescendente no Brasil. A voz de Conceição Evaristo carrega as dores, os sentimentos, as lutas, as alegrias, os gritos e os sussurros de muitas pessoas, sobretudo de mulheres negras cujas vozes são insistentemente silenciadas. Sua escrita nasce de seu cotidiano, das suas lembranças e das suas experiências de vida, chamadas, pela autora, de escre(vivência), termo cunhado por ela ao afirmar que:

Sendo as mulheres negras invisibilizadas, não só pelas páginas da história oficial brasileira, mas também pela literatura, e quando se tornam objetos de segunda, na maioria das vezes, surgem ficcionalizadas a partir de estereótipos vários, para as escritoras negras cabem vários cuidados. Assenhoreando-se “da pena”, objeto representativo do poder falocêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de uma autorrepresentação. Surge a fala e um corpo que não é apenas descrito, mas antes de tudo vivido. A escre(vivência) das mulheres negras explicita as aventuras e as desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizada, mulher e negra (EVARISTO, 2005, p.06).

Conceição Evaristo, assim como todas as escritoras negras aqui analisadas, têm ganhado reconhecimento nos últimos anos, no entanto, essas autoras precisam ser notadas pela literatura e inseridas nos currículos escolares, possibilitando a quebra do silenciamento historicamente imposto, fortalecendo a autoestima negra, combatendo o racismo e gerando discussões acerca de questões raciais, além de garantir a diversidade e promover o pensamento crítico nos alunos, peças necessárias para a formação educacional. Somente assim, conseguiremos romper os estereótipos de raça e gênero dentro da literatura.

Além das renomadas escritoras negras da literatura brasileira acima citadas, cabe destacar outros nomes de altíssima relevância, como: Kiusam de Oliveira, Sônia

Rosa, Mel Duarte, Esmeralda Ribeiro, Cidinha da Silva, Djamila Ribeiro, Miriam Alves, Sueli Carneiro, Alzira Rufino, dentre outras.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os currículos escolares da disciplina de língua portuguesa apresentam, em sua composição, autores e obras literárias impostas por um padrão estético-literário conhecido como cânone. Os autores e obras do cânone literário brasileiro tornaram-se referência para os leitores e estão inseridos em todos os segmentos da educação, desde o ensino de literatura nas escolas até a aprovação em vestibulares e a inserção em universidades. Com o estabelecimento desse padrão, há um apagamento de uma classe de extrema importância na história da literatura brasileira: as escritoras negras.

As escritoras negras sofrem um silenciamento dentro da literatura por uma questão de gênero e, acima de tudo, uma questão racial. Ainda existe um racismo estrutural enraizado na nossa literatura, fruto do passado escravocrata e que traz à tona a questão de inferioridade dos negros em relação aos brancos, promovendo essa invisibilidade social e acadêmica. Dialogando com o que foi dito, Afonso (2020) aponta que

[...] o ostracismo social evidenciado por escritoras negras em diversos momentos literários constitui a manutenção da hegemonia branca, patriarcal e racista e que por isso devem ser reconhecidos e enfrentados, pois a produção afro-feminina narra a vivência das tradições culturais, além de denunciar as problemáticas que versam sobre a condição dos negros no Brasil e que por isso precisam ser incluídas na memória cultural e literária do país (AFONSO, 2020, p. 4)

Dessa forma, a escrita de mulheres negras é uma forma de resistência, pois elas escrevem suas vivências e fazem com que o leitor consiga refletir acerca da condição da mulher negra no Brasil, além de identificar-se com suas experiências.

É necessário que sejam apresentadas obras de escritoras negras em todos os níveis da educação básica, a fim de que se formem alunos críticos que possam compreender a importância desses textos em sala de aula, para que possamos romper esse racismo estrutural enraizado na história da literatura brasileira. As escritoras negras são parte da nossa identidade e o que pretendemos é que os alunos conheçam e identifiquem-se. Além disso, as universidades que formam profissionais de Letras deveriam incluir em sua grade disciplinas de literatura afro-brasileira, para que os futuros professores de língua portuguesa possam inserir esses conteúdos em suas aulas de literatura e saibam articular sobre eles.

Não buscamos um único dia na escola que trabalhe a consciência negra, nem queremos um único capítulo do livro que articule sobre a literatura negra, queremos que essa consciência seja lembrada/construída todos os dias dentro das escolas e universidades, em textos, em livros didáticos, em filmes e documentários. Assim, poderemos formar cidadãos cada vez mais críticos e pensantes, que saibam respeitar as diferenças, entendam seu passado, suas lutas e conquistas, para que sejam, acima de tudo, melhores seres humanos.

REFERÊNCIAS

AFONSO, Jamile Carla dos Santos. O apagamento de escritoras negras no ensino de literatura. **I SIELLI – Simpósio Internacional de Estudos sobre Língua, Literatura e Interculturalidade e XIX Encontro de Letras**. Goiás, 2020.

ANDRADE, Amanda Roque de. A representação do Negro na obra *A cor da Ternura*, de Geni Guimarães. Universidade Federal da Paraíba, 2019.

ARAÚJO, Benício Mackson Duarte; COSTA, Maria Edileuza da. **ENTRE A GLÓRIA E O ESCÁRNIO: A QUESTÃO DO CÂNONE LITERÁRIO BRASILEIRO**. In: XII Colóquio Nacional Representações de Gênero e Sexualidade, 12., 2016, Campina Grande. Rio Grande do Norte: Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL, 2016. p. 1-9.

BRASIL. Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática ‘História e Cultura Afro-Brasileira’, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 10 jan. 2003.

CAIRO, Luiz Roberto Veloso. Memória Cultural e Construção do Cânone Literário Brasileiro. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 4, n. 8, p. 32-44, 1º sem. 2001.

CANDIDO, Antonio. Iniciação à literatura brasileira: resumo para principiantes/. – 3. ed. -- São Paulo: **Humanitas**/ FFLCH/USP, 1999.

Cereja, William Roberto. Português contemporâneo: diálogo, reflexão e uso, vol.1,2 e 3 / William Roberto Cereja, Carolina Assis Dias Vianna, Christiane Damien Codenhoto. -- 1. ed São Paulo : Saraiva, 2016.

CUTI. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro Edições, 2010.

EVARISTO, Conceição. “Gênero e etnia: uma escre(vivência) contemporânea”. **Idéia**. Nadilza Moreira & Liane Schneider, orgs. Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora. João Pessoa, .2005.

_____. Gênero e Etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In *Mulheres no Mundo – Etnia, Marginalidade e Diáspora*, Nadilza Martins de Barros Moreira & Liane Schneider (orgs), João Pessoa, UFPB, **Idéia**/Editora Universitária, 2005. PDF.

GABRIEL, Edgar Godoi. Uma existência atópica: vida e obra de Carolina Maria de Jesus. *RevLet – Revista Virtual de Letras*, v. 11, nº 01. São Paulo: jan/jul, 2019

GOMES, Melissa Carvalho. Imagem e auto-imagem: identidade feminina no cânone literário brasileiro. Rio de Janeiro, abr. 2003. p. 1-14.

JESUS, C. M. de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. 9. ed. São Paulo: Ática, 2012.

JORGE, Grácia Lorena da Silva; SOARES Cecília Moreira. Mulher negra na literatura: a palavra como instrumento de luta e resistência. **Revista Temas em Educação**. João Pessoa, v. 29, n. 3, p. 27-46, set/dez, 2020.

LIMA, Antonia Rosane Pereira. Escolha e exclusão de textos de autoria feminina do cânone literário brasileiro. **Revista Crioula**, [S.L.], n. 20, p. 96, 20 dez. 2017. Universidade de São Paulo, Agência USP de Gestão da Informação Acadêmica (ÁGUIA).

MACHADO, Bárbara Araújo. “Escre(vivência)”: a trajetória de Conceição Evaristo. **História Oral**, v. 17, n. 1, p. 243-265, jan./jun. 2014

MOTT, Maria Lúcia de Barros. *Submissão e resistência: a mulher na luta contra a escravidão*. São Paulo: Contexto, 1988.

RÖHRIG, Maiquel. O cânone literário e sua relação com a educação na contemporaneidade. **Educação & Formação**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, v. 1, n. 2, p. 121-134, maio 2016. Trimestral.

Ormundo, Wilton. *Se liga na língua: literatura, produção de texto, linguagem*, vol. 1, 2 e 3 / Wilton Ormundo, Cristiane Siniscalchi. -- 1. ed. -- São Paulo: Moderna, 2016.

VIANA, Elizabeth do Espírito Santo. Lélia Gonzalez e outras mulheres: pensamento feminista negro, antirracismo e antissexismo. **Revista da ABPN**. v. 1, n. 1 -Rio de Janeiro Mar-jun de 2010.